



A' MEMORIA DA IRMÃ HOSPITALEIRA MARTINIANA DO MENINO JESUS

FALLECIDA EM GUIMARÃES

De em meio d'essa pleiade de heroínas, que o seculo do vapor e da electricidade admira estatico, acaba de desaparecer uma combatente, morta nas pugnas do progresso e da civilisação christã. E não foi necessario muito para tirar do seu posto a benemerita filha de S. Francisco. Como a flor mimosa, que os primeiros raios estivaes mirram e secam, assim uma pequena aragem tombou para o leito da dôr, e d'este para o cemiterio, o corpo da Irmã Martiniana, levando sua alma para as regiões celestes onde é certa a recompensa para aquellas que assim morrem no Senhor.

E morreu no Senhor esta nossa Irmã! Poucas horas antes da sua morte, que teve lugar no dia 1 do corrente ao romper da manhã, tivemos nós a felicidade de a vêr. Parecia então que já ali não estava a alma, a animar aquelle rosto que oito dias de soffrimento desbotaram; mas suas mãos seguravam ainda uma imagem da Virgem das Dôres, seus olhos fitavam a santa imagem, e os labios, roxeados já, parecia a espaços quererem balbuciar uma prece. Que quereria em tão solemne momento dizer á sua Mãe celeste aquella alma que, ou estava já, ou se preparava para entrar no céu? Feliz quem assim morre. Ao vel-a, nem nós sabiamos o que sentir—se a morte da nossa boa Irmã, se o não ter a dita de morrer como ella.

A Irmã Martiniana era natural de Ponte do Lima, e chamava-se no mundo Maria de Jesus Gomes. Contava 35 annos, pertencia á Congregação das Hospitaleiras ha 10 annos, e era uma das professoras nas escolas de S. Francisco d'esta cidade, morrendo no hospital da mesma Ordem, rodeada de todas as suas Irmãs da mesma casa, e confortada com todos os Sacramentos da Igreja.

O enterro foi digno e honrosissimo para a Ordem franciscana, a expensas de quem foi feito, havendo hoje missas e officio geral, de manhã, e de tarde o acto do enterro a que assistiram, alem da Ordem 3.ª de S. Francisco, as mesas da Ordem dominica, da Santa Casa da Misericordia, e dos Santos Passos, e grande numero de ecclesiasticos, sendo em seguida conduzido o cadaver ao cemiterio processionalmente.

As demonstrações de amor e saudade que vimos dispensar á pobre filha de caridade, durante o tempo que o cadaver estivera depositado na sala mortuaria, repetiram-se em plena rua. Em casa vimos muita gente ajoelhar-se para lhe beijar o habito, vimos muitas lagrimas, sentimos o soluçar de muitos corações que haviam recebido algum bem da filha da penitencia; cá fóra era Guimarães em pezo que pejava as ruas do transitio, eram as bençãos de todos a cahir sobre a Irmã da Caridade, eram lagrimas que só o reconhecimento faz brotar, e que só peitos agradecidos sabem ter.

O prestito era patetico, commovente, arrebatador! Abriam-no alguns militares do regimento 20, com tochas accesas, que ali iam prestar o ultimo prestito á irmã de um seu camarada; seguiam-se os pequenos escolares da aula de S. Francisco, as meninas da escola da mesma Ordem, onde a finada era professora, com as suas alvas toucas, e ostentando as Filhas de Maria a fita azul com a medalha da Pia União; apoz estas caminhavam as meninas das escolas dos Santos Passos, todas dirigidas pelas Irmãs professoras, segurando todas vellas de cera. Depois a Ordem 3.ª de S. Francisco, em grande numero de irmãos, e com a digna meza, e em seguida duas alas de Irmãs Hospitaleiras com tochas, e apoz ellas o feretro levado por quatro Irmãos terceiros, segurando as borlas do caixão quatro Hospitaleiras, sendo 3 Irmãs superiores e uma outra Irmã.

Guimarães não vira ainda desfilár por suas ruas um prestito tão imponente, tão magestoso, nem atravez de massas tão enormes e tão compactas de povo! Pode dizer-se que o enterro da Irmã Martiniana foi a apothese das Irmãs da Caridade, e que a meza da Ordem 3.ª, destinando-o assim, rasgára a lei que supprimiu as ordens religiosas em Portugal, arremessara os fragmentos d'essa lei infamissima ás ruas e praças de Guimarães, para que o povo os calcasse, ao levar em triumpho para o cemiterio o cadaver de uma Irmã Hospitaleira, enolto no habito da penitencia.

E fez mais do que isso: mostrou o respeito, a consideração, a estima e atenções que todos devem ter para com essas heroínas, que se sacrificam pelo bem das casas onde vivem sem interesse, sem esperanza n'outra recompensa, que não seja a que as espera no céu. Mostrou que as Irmãs Hospitaleiras não são creados, não são empregados mercenarios; são antes nossas Irmãs, e de todos os infelizes; são mães das creancinhas que ensinam, são consolação dos enfermos de que tratam, são, digamol-o como ultima palavra, a Providencia entornando consolação, enchugando lagrimas, abrindo as portas da Bemaventurança a todos.

Mil agradecimentos, pois, á respeitavel meza de S. Francisco; e a todas as Irmãs a certeza de que as acompanhamos na dôr que ora os punge; pois que se perderam uma Irmã, nós perdemos uma pessoa que estimavamos, porque n'ella vimos o conjuncto de todas as virtudes. Lembre-se ella de nós lá na celeste morada, que eu d'ella me não esquecerei, nem os meus leitores me recusarão a graça de, ao receberem este numero, se ajoelharem offertando uma prece para suffragar a alma da Irmã Martiniana.

2 de abril de 1887.

J. de Freitas.

SUMMARIO:—A' memoria da Irmã Hospitaleira Martiniana do Menino Jesus.—Secção Religiosa: O Sermão depois da Cêa—Instituição da Eucharistia, por J. C. de Faria e Castro; Viva Nossa Senhora de Lourdes!—Secção Scientifica: Os principios catholicos perante a razão, XV, A Igreja catholica e as schismaticas, por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.—Secção Historica: Funestissimo fim dos perseguidores e inimigos da Igreja desde Herodes até nossos dias, XVI—Septimio Severo, imperador de Roma, por T. J. de E. Frias.—Secção Litteraria: As dores de Maria, poesia, por A. Moreira Bullo.—Secção Illustrada: I, O sepulchro vazio; II, Jesus apparece aos discipulos, por R.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 15 DE ABRIL DE 1887

SECÇÃO RELIGIOSA

O Sermão depois da Cêa

Instituição da Eucharistia

Panis enim Dei est, qui de celo descendit, et dat vitam mundo: "Porque o pão de Deus é o que desceu do céu, e que dá vida ao mundo."

S. João, cap. vi, v. 33.

M dia Jesus prometteu aos Judeus e aos seus Apostolos, que instituiria uma refeição celestial em favor dos que o cressem com viva fé e seguissem a sua doutrina.

A promessa de um Pão o mais maravilhoso, tem logar depois do bemfeitor Salvador haver operado o milagre da multiplicação dos pães.

Então os Judeus corriam aos milagres, mas o Salvador, querendo doutrinal-os, disse-lhes: «Em verdade vos digo, que não me procuraes pelos milagres que vistes, mas porque comestes dos pães, e ficastes fartos. Trabalhae de hoje em diante, não pelo alimento, que se acaba, mas pela substancia, que dura eternamente; e essa, o Filho do Homem vol-a dará; porque n'elle imprimiu Deus Padre o sello do seu poder.»

Disseram elles então: «O que faremos para nos ajustarmos pelas obras de Deus?»

«A obra de Deus é crerdes n'Aquelle, que vos foi enviado!»

E Jesus continuando, accrescenta: «Com certeza vos affirmo, que Moysés não vos deu o pão do céu, mas meu Pae é quem vos dá o verdadeiro; porque o pão de Deus é o que desceu de cima para dar a vida ao mundo.»

Então os Judeus disseram-lhe: Senhor, dá-nos sempre d'este pão!

Segundo S. João no capitulo vi, o Christo redarguiu-lhes: «Eu sou o pão da vida: o que vem a mim, não terá jámais fome, e o que crê em mim, não terá jámais sede. Murmuraram d'elle os Judeus, porque dissera: *Eu sou o pão vivo, que desci do céu.* O Salvador disse-lhes: Não murmurais entre vós outros; em verdade, em verdade vos digo: O que crê em mim, tem vida eterna. Eu sou o pão vivo, que desci do céu; se qualquer comer d'este pão, viverá eternamente; e o pão, que eu da-

rei, é a minha carne, para ser a vida do Mundo.

«Disputavam pois entre si os Judeus, dizendo: Como pôde este dar-nos a comer a sua carne? E Jesus lhe disse: Em verdade, em verdade vos digo: Senão comerdes a carne do Filho do Homem, e beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós. O que come a minha carne, e bebe o meu sangue, tem a vida eterna: e eu o resuscitarei no ultimo dia. Porque a minha carne verdadeiramente é comida: e o meu sangue verdadeiramente é bebido. O que come a minha carne, e bebe o meu sangue, esse fica em mim, e eu n'elle.»

Esta linguagem não foi percebida pelos Judeus rudes e carnaes. Elles imaginaram que Jesus Christo queria dar-lhes a comer a sua carne, em bocados, como qualquer carne ordinaria; mas os Apostolos e os verdadeiros Discipulos a entenderam melhor. Tudo isto foi desenvolvido ao depois na instituição d'aquelle inefavel Sacramento, ao approximar-se as promessas do seu cumprimento.

* * *

Eis a historia: Jesus pondo-se á meza com os seus Discipulos, na vespera da sua Paixão, depois de haver comido com elles o Cordeiro Paschal que era o symbolo da Eucharistia e da communição, dirigiu-lhes as seguintes commoventes palavras: «Desejei anciosamente ceiar convosco o cordeiro paschal antes de padecer, porque vos declaro que não tornarei mais a comer até nos acharmos juntos no banquete celeste!»

Tomou depois o calix, deu graças, e accrescentou: «Pegae, e distribui-o; pois não heberei outra vez do fructo da vida, em quanto não chegar o reino de Deus!»

Seguiu-se o pão. Tendo-o benzido e partido, do mesmo modo, entregou-lh'o, dizendo: «Tomae, este é o meu corpo!»

No fim da refeição suprema, do derradeiro viatico, tornando a levantar o calix, ajuntou: «Este é o meu sangue do novo testamento que será derramado por muitos!» Todos beberam d'elle.

O Sermão da montanha havia fundado a sociedade christã por meio de estreitos laços entre Deus e a humanidade; o Sermão depois da Cêa estabelece a Igreja como a herdeira do Espirito e da Auctoridade divina de Jesus Christo.

Eis aqui a historia da instituição da Santa Eucharistia: instituição admiravel

e digna de todo o nosso amor e reconhecimento.

Mas que se note a circumstancia: é na vespera da sua morte: *pridie quam pateretur!*

Jesus ia dar a sua vida pelo seu rebanho; era conveniente separar-se dos seus Discipulos; o seu amor obrigava-o a deixal-os morrendo por elles, e esse mesmo amor dá o ser a esse meio maravilhoso de ficar connosco, ao deixarmos por nós!

Era necessario subir ao céu d'onde havia descido por nós, e subindo para elle para ali ser o nosso protector e pontifice, Jesus apraz-se em fixar ao mesmo tempo a sua morada entre os filhos dos homens. *Delicta mea esse cum filiis hominum* (Prov., viii, 31).

O' excesso de amor de um Deus para com as suas creaturas!

Oh! Por certo, a vida de Jesus Christo fôra toda amor: em Belem, em Nazareth, em Caná;—amor por todos os sitios e aldeotas da Judéa; amor sobre as margens do lago de Tiberiades, amor por toda a parte e sempre, mas amor principalmente, amor mais ardente, mais terno, mais amante no ultimo adeus do Cenaculo!

Effectivamente, se o amor do Salvador se diffundiu durante toda a sua vida com admiravel abundancia, dir-se-hia que se concentrou todo inteiro na divina Eucharistia.

* * *

Ao passo que o Sermão da montanha se desenrolava á multidão, o Sermão depois da Cêa era dirigido só ao grupo dos Discipulos.

A multidão avida de felicidade aprazia-se no gosto das bemaventuranças novas da renunciação e da resignação.

Para os Discipulos que devem representar o Mestre, é a prégagação dos deveres sociaes da caridade em Deus, que sae dos labios do Christo: Elle fixa os principios essenciaes segundo os quaes quer ser adorador.

O Sermão depois da Cêa, é pelos principios do dogma e principalmente pelas praticas geraes do culto, o que o Sermão da montanha havia sido para a moral em geral.

O reino de Deus sendo o reino das almas, a primeira servidão a sacudir é a escravidão da superstição e das ceremonias grosseiras; o culto do verdadeiro Deus deve estar desembaraçado de qualquer appello aos sentidos: cum-

pria estabelecer um culto puro, um culto de amor:

«Quando dois entre vós se reunirem sobre a terra, meu pae que está no céu lhes concederá tudo o que pedirem: Porque onde estiver duas ou tres pessoas reunidas em meu nome, ahí estarei eu com ellas.»

No mesmo sentido, foi recommendada a parcimonia na oração do christão, nos termos:

«Quando tu orares, não faças compridos discursos como os pagãos que imaginam ser escutados á força de muitas palavras. Deus teu pae sabe do que careces, antes que tu lhe rogues.»

Portanto, foi n'esse dia, que hoje a Igreja diz *Quinta Feira Santa* que Jesus instituiu o Sacramento da *Eucharistia*, e, pela primeira vez, a Santa Communhão foi distribuida aos homens. Assim era cumprida aquella palavra do propheta Daniel: «Não de cessar a oblação e o sacrificio.»

A instituição da Eucharistia vem logo a paixão do Salvador!

J. C. de Faria e Castro.

Viva Nossa Senhora de Lourdes!

E a algum devoto de Taine ou Comte acontecesse ler a noticia seguinte, coitado! havia de rir-se talvez. Se a ler alguém para quem a fé irradia ainda, mas por ventura assombrada pelas nuvens do vicio, a voz da consciencia ha de soltar-se-lhe e repetir-lhe de novo: *Ergue-te! A misericórdia de Deus não findou ainda!* Mas os filhos, os filhos reverentes, os filhos dilectos de Maria Immaculada, esses hão-de cair de joelhos, com o coração a trasbordar de jubilo, e clamar: *Graças, graças, ó Virgem das virgens! O teu poder, como vaga de luz baixando dos montes eternos, diffunde-se por toda a face da terra! O imperio dos corações, a dedicação das almas, tu os conquistas com um aceno de tua mão. Quem te pode resistir, ó Potentissima, ó Invencivel! Triumpha, ó Rainha, triumphal! e chegue em breve aquelle momento em que na terra não haja uma só lingua que se não mova a appellidar-te uma e mil vezes: BEM-AVENTURADA ENTRE AS MULHERES!*

Eis a noticia, que transcrevemos dos *Annaes de Lourdes*:

Cada anno consiguam os *Annaes* muitas narrações de curas, confirmadas pelo testemunho da medicina, superiores inteiramente aos dominios da sciencia. A multiplicidade e continuidade d'ellas constitue de per si um assombroso milagre.

As curas espirituaes, obtidas ininterruptamente por Nossa Senhora de Lourdes, sobrelevam aquellas, em assombro e em numero. Da Italia nos communicam uma, que vamos expor, deixando falar livremente o ditoso convertido.

«Melhor modo não tenho—diz em sua carta—para glorificar a Mãe de Deus e minha celeste protectora, que proclamar a mercê que em mim se dignou operar, não obstante a minha insensatez, que me levava a não acreditar n'Elle, que digo? a mesmo fallar d'Elle com desdem e desprezo.

«Obrigado pelo desempenho de meu cargo, achava-me eu na Italia meridional, quando alguns amigos se lembraram de convidar-me para uma caçada. Aceitei gostoso o convite, e eis-me prompto no dia indicado, levando uma espingarda que me emprestaram, de dois canos, antigo systema de vareta, e denunciando n'um d'elles um leve resquicio, quasi imperceptivel.

«Descurando a idéa de perigo, introduzi-lhe duas cargas, e parti com os demais, a percorrer as montanhas. Não longe ainda da minha habitação, senti levantar-se a geito uma ave qualquer. á qual dirijo a pontaria. O tiro parte, mas oh! a espingarda fica-me entre as mãos, despedaçada em mil fragmentos, que voam em redor de mim, zenindome aos ouvidos, enquanto a polvora, inflammando-se, me cinge a fronte por todos os lados.

«Não sinto porém em mim a menor queimadura, nem a labareda tocou um que fosse dos meus cabellos, quando, naturalmente, uma explosão tal me deveria deixar instantaneamente morto.

«Uma creança que me acompanhara, presencendo o successo, começou a gritar: «Foi milagre, um milagre, um grande milagre da Senhora.»

«Na infancia foi-me dada uma educação christã. Seduzido em breve por conselhos funestos e exemplos perniciosos, muito ha que tinha perdido a fé. Para mim, Deus, a Virgem, os Sanctos, eram entidades que não existiam.

«—Meu amigo, cala-te, digo para o joven companheiro. As superstições de que fallas, nada valem hoje para gente seria. Estou são e salvo? pois não é mais que uma obra do acaso.

«Nada mais disse a creança, mas em regressando á cidade, o de que primeiro se lembrou foi ir a casa do reitor do seminario, e narrar-lhe o acontecimento de que fôra testemunha.

«Alguns dias antes, os meus deveres profissionais tinham-me levado a procurar aquelle ecclesiastico, cuja visita-me não tinha ainda sido paga, e elle, julgando azada a occasião, não se demorou em vir ter commigo.

«—Sr. C., disse-me, soube da catastrophe de hontem, e olhe que foi um

milagre assombroso que obtive da sanctissima Virgem. Cumpre fazer alguma boa obra em honra d'uma Mãe, que tanto se esmera em acudir promptamente a seus filhos.

«Com a minha costumada indifferença, respondi-lhe, que ha muito me libertara de semelhantes prejuizos, e que nada me preceituava a consciencia referente ao assumpto em que me estava doutrinando.

«Não se deu porém o padre por vencido. Com a delicadeza e energia de que era capaz a sua nobre alma, tractou de convencer-me, ao mesmo tempo que eu teimava em me defender, com asfirmar-lhe que desconhecia o que era a fé.

Redobrando zelo e solitudes, o venerando sacerdote repete o ataque tres vezes consecutivas, até que enfim, para lhe não aturar a insistencia, me resolvo a perguntar-lhe:

«—Ouça cá, reverendissimo, que sacrificio suppõe então que me toca a fazer nas actuaes circumstancias?

«—Diga-me: qual é a coisa a que V. se sente mais afeitoado?

«—Ao vinho, meu caro.

«—Pois bem; d'hoje em deante ha de V. abster-se de vinho ás quartas-feiras, visto ser n'um d'esses dias que foi protegido d'uma maneira tão maravilhosas.

«Aceitei a proposta, menos com o animo de cumprir a promessa, que no intuito de não supportar as exigencias do hospede. Apesar d'isso, para o deixar de todo tranquillo, ainda perguntei:

«—Mas se algum dia fôr convidado a jantar com amigos?

«—Em tal caso, acudiu, está auctorizado a beber.

«Desde aquella epoca, em chegando a quarta-feira era talvez maior o numero de copos que esvasiava. Quatro ou cinco annos se volveram assim, quando em março do anno ultimo (1886) tive que vir a Roma, passar algum tempo no meio de minha familia. Entrou o mez de maio, e minhas irmãs, para quem os meus sentimentos não eram um mysterio, dirigiam á Virgem preces fervorosas pela minha conversão, preces que obtiveram acolhimento perante a dispensadora das graças.

«Em a noute de quarta-feira, 2 de junho, vi em sonhos minha mãe, fallecida muitos annos antes, que me dizia cheia de magua:

«—Desventurado és, filho!... Assim cumpres a promessa que te imposes-te?... Recorda o voto de ha cinco annos, quando estiveste para succumbir á morte, e ficaste illeso sem a menor ferida. Se agora não cumpres, é inevitavel a tua ruina!

«—Quem vos fez essa revelação? interroguei ancedo.

«—A Virgem.



O SEPULCHRO VASIO

«—Qual Virgem?

«—A de Lourdes.

«—Mas quem é a Virgem de Lourdes?

«—A que appareceu em França!

«Despertei, desvairado e a tremer. Esforcei-me por chamar em meu auxilio um primo que dormia no quarto visinho, mas senti a voz prender-se-me na garganta. Tentei em vão levantar-me: lá estava deante de mim a visão, de pé,

côm uma gravidade solemne, que gelava de susto.

«—Pára! me disse ella ainda. Allí vem a tua protectora.—E a estas palavras aponlava com o dedo um dos angulos do aposento.

«Um oceano de luz inundou de repente a habitação. No centro d'aquella aureola resplendente avultava uma Virgem, de pés descalços e trajando vestes d'uma alvura de neve. A onda viva

do celestial fulgor que lhe cingia o rosto, obrigou-me a baixar os olhos e a prostrar-me em reverencia profunda.

«Em mim, não existia já o incredulo de ha pouco; o calor da fé havia desfeito por completo o gelo da indifferença. Desapparecida a visão, senti-me absorto n'um abysmo de reflexões até á hora do meio dia. A' tarde pedi a minha familia um livro que tractasse de Nossa Senhora de França. Ficaram po-

rem sem saber a que Senhora me referia, porque tendo só então ouvido pronunciar o nome de *Lourdes*, não conseguí retel-o precisamente.

«—A Senhora de *Lourdes*—lhes disse. Deram-me logo um opusculo, intitulado *Historia de Nossa Senhora de Lourdes ensinada ao povo*, que se distribuirá nas egrejas de Roma ao encerrar-se o mez de Maria.

«Li com avidez indizível aquellas paginas de ouro, e claramente reconheci ser a divina Apparição, que tive a ventura de contemplar, a mesma que se dignou revelar-se a Bernadette, sobre as rochas de Massabielle.

«Minhas irmãs, ao saberem isto, entoam, transportadas de jubilo, um cantico em acção de graças. Estava dado o primeiro passo no caminho da conversão;urgia dar o segundo, o mais difficil, deante do qual não devia recuar, que era lançar-me aos pés do sacerdote, fazendo-lhe a humilde confissão das minhas culpas.

«Dezesseis annos se tinham passado sem me approximar do sagrado tribunal, pelo que sentia debater-se a minha alma n'um mar de continuas hesitações. Emfim, na manhã do dia 8 de junho, envidando todas as forças, fui, acompanhado por uma de minhas irmãs, á egreja de S. João e S. Paulo, situada no monte Celio. Sendo aquelle o ultimo dia que os meus deveres officiaes me consentiam passar em Roma, o addiar a confissão seria gravissima imprudencia. Comtudo, transposto que foi o limiar do templo, os meus propositos oscillaram, e procuro mudar de proceder. Minha irmã, que presente o meu estado, anima-me com brandura, mas com instancia, a proseguir ávante. Terrível foi aquelle decisivo combate; os labios impallidecem-me; o rosto descora; os olhos cerram-se; ia Satanaz alcançar mais um triumpho, quando a Virgem Immaculada corre de novo em meu auxilio. Fortalecido agora, prostro-me aos pés do Superior dos Passionistas, rogando-lhe me ouça de confissão.

«O sancto religioso acolhe-me com os carinhos d'um pae, e desfaz-se em choro ao ouvir contar-lhe a Apparição. Concluida a exposição dos meus peccados, movido por suas palavras cheias de unção e de paz, sinto a consolação de poder misturar as minhas lagrimas com as lagrimas d'elle.

«N'esse mesmo dia pude receber a santa Communhão, dominado d'um contentamento tão elevado e tão puro, que não ha na terra outro que com este se pareça. Oh! quanto o senhor é prodigo em misericórdia! quanto é venturoso e suave andar em seu serviço!

«O' Maria! ó Mãe das graças! ó refugio dos peccadores! Em face do céu e da terra reconheço que por mercê vos-

sa fui salvo da morte! por mercê vossa, vi espedaçadas as cadeias que algemavam a minha alma! por mercê vossa, foram desfeitas as nuvens que entenebreciam a minha intelligencia!

«Por isso, do mais intimo de meu coração, grato a vossos extraordinarios beneficios, me cumpre clamar: Viva a Santissima Virgem! Viva a Immaculada Conceição! Viva Nossa Senhora de Lourdes!

«24 de julho de 1886.

C. C. B. R. C.»

A carta que vimos de transcrever, firmada simplesmente por cinco iniciaes por motivos faceis de comprehender, vinha acompanhada do seguinte documento:

Attesto ter ouvido de confissão a C. C. B. R. C., a 8 de junho de 1886, e de o ter conduzido até junto de sua irmã, ainda vivamente impressionado do que lhe tinha acontecido e da graça extraordinaria que lhe fora concedida.

P.º Severino da Apresentação,
Superior dos Padres Passionistas.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

XV

A Egreja catholica e os schismáticos

(Continuado do n.º anterior)

REVIRAM-SE depois n'aquella corte, theatro de tantos crimes e escandalos, trezentos bispos para celebrar o oitavo concilio geral (1), e condemnaram Focio como schismatico e intruso: este hereje, porém, illudiu a eminente caridade do Pontifice romano com o seu hypocrito arrependimento, e passados dez annos foi reconhecido como patriarcha depois da morte de S. Ignacio.

Não faltaram pretextos ao desgraçado e inconstante prelado para promover outra nova rebellião, e Miguel Cerulario, no anno de 1043, consummou o schisma infeliz que lamenta aquella Egreja tão florescente em outros tempos.

Mais calculos de politica que differenças no dogma a tem separada da unidade catholica, porque os gregos professam quasi todas as crenças do catho-

(1) Que abriu as suas sessões no dia 5 de outubro de 869, e é o ultimo concilio celebrado no Oriente.

licismo (1); mas esta Egreja, repellindo o jugo suave e paternal que lhe impoz Jesus Christo, escravizou-se submettendo-se ao dominio mais duro e tyrannico da auctoridade civil.

A conquista de Constantinopla por Mahomet II augmentou a afflictiva situação de tão desgraçada Egreja, pois ainda que os turcos respeitem o exercicio e as praticas christãs, prohibe-se aos patriarchas a sua jurisdicção sem licença do sultão; licença que lhes custa grandes sommas e que perdem quando algum d'aquelles bispos degradados offerece maior quantia.

Vivem, pois, em constante simonia, e o Ecumenico chefe da Egreja grega é confirmado na sua jurisdicção pelo chefe do mahometismo.

Em igual dependencia se acham os demais bispos, e todo o clero lamenta esta escravidão, gemendo na ignorancia e na miseria.

As egrejas schismaticas da Polonia e da Russia, e as da Monarchia Grega, não são mais independentes pela sua exaggerada subordinação á auctoridade civil, que só vê no clero uma dependencia publica.

Pertencem, pois, a esta egreja schmatica os christãos (2) da Turquia, do Imperio Russo e do Reino Grego, os antigos Nestorianos, os Jacobitas, Castos, Maronitas e Armenios, ainda que no Libano e Armenia, na Russia, Polonia, Constantinopla e Monarchia Grega existem egrejas felizmente submettidas á unidade catholica, regidas e governadas por sanctos e zelosissimos patriarchas, arcebispos e bispos da communhão romana.

Os christãos schismaticos da Egreja grega devem todas as suas desgraças ao empenho que tiveram em se emancipar do Pontifice romano, rebellião que os collocou debaixo da pezada auctoridade e dependencia de principes seculares.

Onde está a antiga gloria de Corintho, Thessalonica e Philippos? Onde a de Epheso e Esmyrna com as restantes egrejas que os Apostolos fundaram?

Soffrem o mais justo castigo pelo seu funesto schisma, e deve ser muito obcecado aquelle que não compare uma si-

(1) Focio chamava herejes aos bispos do Occidente pela sua dependencia do Pontifice romano, e dirigiu á Egreja latina accusações pueris, sendo as unicas dignas de attenção o celibato ecclesiastico, auctorizando os presbyterios a cazarem-se, a reserva aos bispos da unção do chrismo, e a addição ao Symbolo de Constantinopla da palavra *Filioque*, explicando que o Espirito Sancto procede do Padre e do Filho, tolerancia de laeticinios, em certos dias, etc.; accusações que oram victoriosamente contestadas por varios escriptores da Egreja catholica, e que julgamos escusado reproduzir.

(2) Envacsem-se com o titulo de *orthodoxos*.

tuação tão afflictiva e triste com a grandeza e esplendor da Igreja catholica, apostolica, romana, e que deive de admirar os designios da Providencia divina no miseravel abatimento d'aquelles christãos desgraçados.

Os principes lutheranos da Alemanha, reunidos em Augsburgo para a recepção de Carlos v, protestaram contra a sua assistencia á solemne procissão do Santissimo Sacramento (1); fizeram novo protesto contra o decreto imperial, que lhes determinava um curto prazo para reconhecerem a auctoridade do Papa, ou submeterem-se ás decisões d'um concilio ecumenico, suspendendo entretanto o exercicio do seu novo culto, e foi esta a origem de chamar-se protestante a referida igreja.

Aquelles principes, que tão escrupulosos e timoratos se mostravam. foram. não obstante, o typo dos vicios; e razões politicas, de cubica, de libertinagem ou de engrandecimento, eram o movel poderoso da sua conducta interessada.

A historia refere-nos aquella ignorancia proverbial de Wolfgang, principe de Anhalt, que nunca foi capaz de aprender os rudimentos mais triviaes de instrucção primaria; está consignada nas chronicas a desenfreada incontinencia do Landgrave de Hesse cohabitando com as suas duas mulheres e glotoneria do voraz Eleitor João, cujo extraordinario ventre era pequeno receptaculo para a enorme quantidade de carnes e bebidas que ordinariamente devorava. São também involvidaveis os torpes e feissimos vicios de seu filho Frederico, os roubos, tropelias e violencias de Ernesto e de Francisco Luneburg.

Estes foram os principes gloria da reforma protestante, que temiam offender a Deus, assistindo sem licença de Luthero ao desempenho dos cargos da sua dignidade quando a corte imperial assistia ás ceremonias nas nossas egrejas catholicas.

O povo allemão, submettido aos seus senhores por leis e costumes seculares. mas que julgava duros depois de aprender o ensino lutherano, pretendeu a sua emancipação sublevando-se frenetico para ser vencido e acorrentado com maior dureza pelo despotismo protestante (2).

Bem depressa começaram a dividir-se as opiniões theologicas dos doutores, formando partidos differentes e encontrados. Não se conformam em principios as egrejas Anglicana, Evangelica

ou Lutherana, Calvinista, Sociniana e Anabaptista.

Estas escholas subdividem-se em outras tantas opiniões, pois só o Anabaptismo chegou a contar vinte e nove seitas de diverso dogma; passam de quarenta as derivações do Luthernismo (1), a ordenação anglicana divide-se entre os episcopaes, puritanos e presbyterianos, e a eschola fundada por Arminio conta até trinta as differenças.

Com o correr dos tempos foi augmentando a descendencia de Luthero, e essas divisões e subdivisões sommam hoje mais de duas mil escholas, discordes em principios e crenças, na disciplina e ritos, sujeitas a auctoridades differentes e rivaes entre si, que vivendo em perpetua lucta, se anathematizam e condemnam sem piedade. Existe, pois, na igreja protestante a unidade necessaria para demonstrar a sua certeza?

Em frente de tão grande desconcerto e confusão, a nossa sancta Igreja catholica, apostolica, romana ergue-se magestosa com os seus dogmas invariaveis, com a sua disciplina, ritos e idioma universal, que fillam, crêem e professam duzentos milhões de homens de raças distinctas, de costumes oppostos e de interesses encontrados; e perante o cumprimento dos deveres catholicos contidos nos mandamentos da lei de Deus e da Igreja, esquecem-se a patria, o interesse e os costumes.

A auctoridade de um debil ancião, assistido por um conclave de anciãos, tem firmeza sufficiente para dirigir sem prisões nem cadafalsos, sem exercito nem apparato algum militar, tantos homens e de tão heterogenea condição, que debaixo da paternal e sancta lei do Evangelho se harmonisam milagrosamente em identicas obrigações e direitos.

Este Pontifice supremo é o legitimo successor d'aquelle pobre Pescador que estabeleceu a sua residencia em Roma, e os nossos bispos recebem a sua ordenação d'outros bispos, cuja consagração data sem sombra de duvida dos tempos apostolicos.

Está demonstrado pela historia que o Pontifice romano e os bispos da religião catholica são os verdadeiros successores de S. Pedro e dos Apostolos, e que a sua auctoridade emana de tão legitima, pura e sancta origem.

A jurisdicção que a Igreja Romana

exerce sobre as demais egrejas, estava reconhecida nos primeiros seculos, não só pelos concilios geraes, mas também por todos os escriptores ecclesiasticos, e ainda por muitos auctores pagãos, que he chamavam *grande Igreja*.

Celso escrevia: *Ha christãos que rejeitam as tradições judaicas, mas são recebidas pela grande Igreja* (1).

Amiano, referindo o engenho que o imperador Constantino tinha de que S. Athanasio fosse condemnado em Roma, escreve o seguinte: «Empenhou-se em fazer-o condemnar pela auctoridade que o bispo de Roma exerce sobre todos os demais bispos; mas não pôde obtel-o do papa Liberio, que recusou constantemente comprazer ao Imperador, exclamando que considerava como o maior peccado a condemnação d'um homem a quem se não ha ouvido nem ainda mesmo visto (2).»

A Igreja catholica, a grega e a protestante não podem ser eguaes, embora todas se digam christãs; porque estando discordes em principios, só uma professa a verdade, ensinando as restantes o erro.

Se fóra indifferente professar a religião christã na Igreja catholica ou nas schismaticas e nos seus principios oppostos, se podesse observar-se o christianismo com equal pureza e perfeição, conceder-se-iam ao erro e á verdade identicos direitos, o que é contradictorio, porque a verdade e a mentira repugnam entre si.

E' indubitavel, por conseguinte, que só uma das egrejas christãs pode ser verdadeira, porque n'ella se conserva com toda a sua pureza a evangelica doutrina, sendo as restantes necessariamente erroneas.

Que Jesus Christo fundou uma religião certa e verdadeira é fóra de duvida, sendo igualmente indubitavel que estabeleceu na sua Igreja a necessaria auctoridade para o melhor governo dos fieis.

Mas quem deve exercer a jurisdicção superior? Foi esta a causa que separou da unidade romana os bispos gregos, com o mais infundado e superficial pretexto, motivo que divorciara igualmente do catholicismo a seita protestante.

Os gregos soffrem as tristes consequencias da sua rebelião e inconsiderado schisma, em que atrevidamente se lançaram.

O seu *Ecumenico* patriarcha, bispo simoniaco que compra a sua dignidade a um sultão mahometano, não pode ser cabeça da Igreja, porque resultaria a religião christã ficar sujeita ao chefe do torpe, sensual e fanatico islamismo.

(1) Apud Orig.

(2) Am. Mare. liv. xv.

(1) No mez de junho de 1530.

(2) Depois de ter applaudido a sublevação, Luthero escreveu estas palavras: *Mirabile tempus, nimirum ut Principes multo facilius trucidandis rusticis et sanguine fundendo, quam affii fundendis ad Deum precibus oculum mercandur.*—(Opera, Lut., t. II, fol. 130. Wittem, t. II, fol. 81.)

(1) As principaes divisões do Luthernismo eram conhecidas com os nomes de *moderados e relapsos, siringlianos, lutheranos incisivos, luthero-papistas discipulos de Melancthon e de Onambro*, subdivididos em tres secções, *empanadores e ubiquistas*; houve *anomicos e anteanomicos, origenistas infernaes, davidicos e syncretistas*. Omittimos a nomenclatura das seitas modernas protestantes para não enfadarmos os nossos leitores.

A infinita divisão da igreja reformada demonstra-nos que não ha certeza nas suas doutrinas. As diversas crengas protestantes carecem de unidade: não podem ser sanctas pelos principios que relaxam a sua moral: não são universaes, porque é mui reduzido o numero dos filiados que cada uma das seitas conta, e porque a sua origem é moderna: e finalmente, escholas tão oppostas em doutrina não podem chamar-se apostolicas. porque os Apostolos todos professaram a mesma dogmatica e pertenceram a uma Igreja. Só no catholicismo existe a verdade.

Continua.

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

SECÇÃO HISTORICA

Funestissimo fim dos perseguidores e inimigos da Igreja desde Herodes até nossos dias

(Continuado de paginas 196 do 8.º volume)

XVI

Septimio Severo, imperador de Roma

(Morreu no anno 211 da era christã)

O SENADO romano havia aclamado por unanimidade, imperador de Roma a Septimio Severo, no dia 2 de junho de 193. Favoravel para com os christãos se mostrou o novo imperador nos primeiros annos do seu reinado, sendo até protector d'elles algumas vezes. Um acontecimento, porém, veio accender o odio contra os christão no coração do imperador.

Vencera este dois rivaes que aspiravam ao throno, Porcenio e Clodio Albino, e por então o povo pagão celebrou pomposas festas, saudando a victoria alcançada por Septimio, abstando-se os christãos de tomar parte n'ellas, pelo que foram considerados inimigos do imperio.

Principiou então a mais atroz das perseguições contra os fieis observadores das leis de Jesus Christo, accusando-os de quantos crimes se praticaram e mesmo de crimes que nunca existiram; fazia-se então como se faz agora, que todos os crimes, todas as patifarias, todas as maroteiras, se attribuem aos jesuitas. Já então havia o mesmo odio aos catholicos, pois que hoje, sob o nome de jesuitas faz-se guerra aos catholicos, porque é feita pelos inimigos de todos nós.

Não só em Roma, mas em todas as provincias do imperio a perseguição foi medonha. Planciano, primeiro ministro de Septimio, que vem a ser o marquez de Pombal do seculo III, era tão feroz como seu amo, e por isso as prisões transbordavam de christãos, e as delações eram o prato favorito do amo e do ministro.

Ao terminar a guerra com os partos, publicou o imperador um edito, no qual prohibia, sob as penas mais severas, que algum dos seus vassallos abraçasse o christianismo ou o judaismo. Recrudescu então tenazmente a perseguição, que, segundo Eusebio na sua Historia ecclesiastica, foi universal, por que se estendeu a todo o mundo conhecido onde Roma imperava. A tyrannia e a maldadez inventou quantos meios pôde para flagellar os christãos. Já não era o sabre, vibrado no espaço, que cortava sem piedade, nem as garras esfomeadas das feras do deserto, que retalhavam no circo os corpos dos martyres; eram materias inflammaveis alimentando as fogueiras, que consumiam lentamente os corpos; eram enormes caldeiras cheias de azeite fervente, onde eram mettidas as victimas, devagar, com lentidão, para que o supplicio fosse mais doloroso. Foi assim que morreram muitos filhos dedicados da santa Igreja, como morreram depois, quinze seculos depois, nas masmorras e nos patibulos para saciar a sede de sangue que devorava as entranhas de Sebastião José de Carvalho, e de todos os inimigos do nome christão que se lhe tem seguido.

É se isto era assim por toda a vastidão do imperio, nas Galias havia mais ainda, porque foi alli que a sanha do paganismo mais se enfureceu, perdendo a vida, segundo uma inscrição que ainda se conserva em Lyon, perto de vinte mil pessoas, sem contar mulheres e creanças, porque nada se respeitava: nem o sexo, nem a idade, nem a condição. Os filhos da Igreja que escapavam á morte eram mandados para os trabalhos publicos, ou postos á venda, como escravos, e as donzellas, essas donzellas dos primeiros seculos da Igreja, que servem hoje de modelo ás maiores heroínas do catholicismo, eram levadas aos lupanares, e ali expostas á deshonra e á bruteza pagã.

Hoje, a civilização tem adiantado mais: não mandam os pagãos do seculo XIX as donzellas para os lupanares, como os do seculo III, algemadas e custodiadas pelos legionarios do Cezar, mas fazem que ellas para lá vão livremente, pela leitura de maus livros, pelos maus exemplos que uma sociedade corrupta está dando todos os dias, e sobre tudo, por que dão uma existencia legal á prostituição, emquanto que perseguem, expo-

liam e matam á fome as virgens consagradas ao Senhor.

Teem, pois, seu parentesco os pagãos de hoje com os do tempo de Septimio Severo, e é por isso que aquelles vão tendo tambem o castigo que aquelles tiveram.

A fera coroada que tanto sangue innocente fizera derramar, achava-se na Gran-Bretanha, onde tinha ido com numeroso exercito, quando, em meio de luzido conselho, um de seus filhos, desembainhando a espada quiz craval-a no peito do pae, e o faria certamente, se os officiaes presentes não formassem com seus corpos uma barreira entre o pae e o filho.

Não morreu então; mas foi tal o medo que d'elle se apoderou; era-lhe tão pesada a vida, que só desejava morrer envenenado, e não tendo quem lhe proporcionasse o veneno, matou-se com uma indigestão, depois de soffrer, por dias, as dores mais cruciantes.

Assim terminou seus dias este maroto, que não só fez mal no seu tempo, mas ensinou os anti-jesuitas de hoje a fazer toda a casta de patifarias. Temos, porém, a triste consolação de que os de hoje, ao chegar aos infernos, lá encontrarão de braços abertos, os seus amigos que lá estão ha dezoito seculos.

Devem ser cordiaes os abraços!

(Continua)

T. J. de E. Frias.

SECÇÃO LITTERARIA

As dores de Maria

(Excerpto d'um Mes de Maria poetico, inedito)

Pura Rainha dos Martyres,
Que predicção dura e triste
Da inspirada bócca ouviste
Do venerando Simeão!
Cruciante vaticinio,
Que de amarga dor profunda
Inexoravel inunda
Teu materno coração!

Virgem, de angustias que cumulo,
De amarguras e temores,
De provações e terrores,
Tua alma confrangerá!
Jesus, cordeiro sem macula,
Cujo amor te prende e inflamma,
(O santo velho o proclama)
No martyrio expirará!

Nova assim sinistra e lugubre
Para toda a mãe sensível
Fôra afflictiva e terrível,
Tormento devorador;
Mas para ti, Mãe dulcíssima,
Foi incomparavelmente
Mais cruel, mais inclemente,
Pois te fez a Mãe da dor!

Pois acaso mãe terníssima
Como tu houve na terra,
Para amar ente que encerra
Em si seu Filho e seu Deus?
E houve jamais filho altíssimo
Qual Jesus, que a mãe querida
Sagrasse na inteira vida
Seu amor, desvelos seus?

Quantas vezes, melancolica,
Com teu Filho no regaço,
Estreitando-o de um abraço
Nos ternísimos anneis,
Tu lhe inundavas de lagrimas
O formosíssimo rosto,
Como antevendo-o exposto
Aos ultrages mais cruéis!

Des' que aquella voz prophetica
Te soon na alma, ó Maria,
Um momento de alegria
Sem mescla não gozas mais:
Pois a cada instante, tremula,
Vês os tormentos e a morte
Que a Jesus dará cohorte
De inhumanos cannibaeis!

Tristeza ineffavel, subita,
Te invade então, bem que a gloria,
E sobre a morte a victoria,
De Christo saibas prever;
Então clamar podes, misera:
«Attentae n'esta mesquinha,
E vêde como a dor minha
Se outra acaso pôde haver!»

Sim, ó dor, tu na alma candida
Taes feridas lhe fizeste,
Taes torrentes lhe verteste,
No casto seio, de fel,
Que a fronte pendera languida,
Se o peito não lhe abrasara
Fê pura, esperança cara,
E amor eterno e fiel.

Oh! sim, Maria, o martyrio
Tua alma submissa acceita,
E, amavel, não rejeita
Do mundo a supplice voz!

E não soltas um murmuro,
Dos labios sahir não deixas
As mais legitimas queixas,
Soffrendo tanto por nós!

O' Mãe das dores, alcança-nos,
Nas penas mais dolorosas,
As virtudes generosas
Da tua alma, e o teu valor:
Sejam tenue sacrificio.
Que ao ceo façamos, unidos
Aos tormentos padecidos
Por ti, pelo Salvador!

Porto—Março de 1887.

A. Moreira Bello.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

O sepulchro vasio

DEPOIS que a caridade sepultára o corpo de Jesus, foram collocados, junto do sepulchro, guardas pretorianos para impedir que os discipulos, de noite, roubassem o corpo do Mestre e proclamassem, depois, que Elle resuscitara, como havia predito. Nada, porém, valeram as armas dos legionarios romanos contra a divina vontade, e ao romper de alva, os soldados são surprehendidos por um estrondo medonho, parte-se a pedra tumular, Jesus resurge dos mortos e a soldadesca foge cheia de terror, e vae contar a Jerusalem o que vira.

E de manhã, mui antes que o sol doirasse os minaretes da cidade deicida, Maria Magdalena, com outra mulher foram ao sepulchro, que acharam aberto, e dentro não encontraram Jesus. E quedaram-se tristes e pensativas, desceitando encontrar alguém que lhes dissesse onde Jesus estava. E Maria Magdalena, banhada em lagrimas olhou detidamente para dentro do sepulchro e viu, sentado á cabeceira, um anjo de belleza deslumbrante e envolto em alvas e resplandecentes vestes. E interrogando-a o anjo lhe disse: mulher, que tens, porque assim choras? E ella, respondendo disse:—porque levaram d'aqui o meu Senhor, e não sei onde o pozeram.

E olhando para traz viu um homem que lhe fez a mesma pergunta do anjo:—mulher porque choras? E ella, a peccadora arrependida, que julgava ser o hortelão que lhe fallava, disse:—se tu foste que o levaste diz-me onde o pozeste, e eu o levarei. E então o desconhe-

cido, que era Jesus soltou esta palavra:—Maria,—e para logo Magdalena se roja a seus pés. Era a primeira mulher que se prostrava reverente e reconhecida diante do Salvador.

E Maria Magdalena correu, e a outra Maria, a dar parte aos Apostolos que tinham visto e fallado com o Senhor.

II

Jesus apparece aos discipulos

As santas mulheres tinham levado a boa nova a todos os christãos, e todas as boccas annunciavam a resurreição de Jesus. Na tarde do mesmo dia achando-se os discipulos reunidos em casa, com as portas fechadas, receiando os judeus, apparece em meio d'elles Jesus, que lhes diz:—Paz seja convosco.

A nossa segunda gravura mostra admiravelmente o assombro dos Apostolos ao reconhecer o divino Mestre. Como aquellas fronte, banhadas já pela luz do Espirito Santo, são formosas! Como se adivinha em todos os rostos d'esses poucos homens, os sentimentos de amor e fé, que os haviam levar a todos os cantos da terra a prégear a Religião de Jesus Christo! Como elles appareciam já, transformados em homens os mais sabios, que haviam ser os grandes luzeiros que através todos os seculos, haviam inundar de luz todos os espiritos, e ensinar a ser livres todos os povos!

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



DEPOIS o convento de Santa Clara em Santarem falleceu a ex.^{ma} sur.^a D. Maria José do Sacramento Paula Veiga, assignante e amiga da nossa Revista, quasi desde o principio. O necrologio que em seguida publicamos, que nos foi enviado por um amigo de Santarem, dispensa-nos de mais detalhes, limitando-nos a pedir a todos os leitores as costumadas orações por alma da finada senhora e enviar a suas ex.^{mas} irmãs, e a toda a communitade os nossos sentidos pezames.



JESUS APPARECE AOS DISCIPULOS

A' memoria de D. Maria José
do Sacramento Paula Veiga

Similhante ao estalar da rocha fendida em estilhaços no alcantilado pinaculo da montanha pela violencia do raio, assim devem hoje crepitar rasgados e dilacerados pela mais violenta e cruciante dôr, os corações das Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Maria Dolorosa Paula Rita Veiga e D. Carlota Paula Rita Veiga, pela morte da sua mui chorada Irmã D. Maria José do Sacramento Paula Veiga.

Suas companheiras amadas no serviço do côro, as Pupillas do Convento de Santa Clara de Santarem sentem mais uma ausencia nas suas fileiras e a Reverenda Madre Abbadessa chora a perda de mais uma sua filha dedicada que por espaço de 44 annos acarinhou em seu convento.

D. Maria José do Sacramento Paula Veiga entrou para o Convento de Santa Clara de Santarem quasi nos primeiros dias de sua infancia, aonde, até aos ultimos de sua existencia, serviu fielmente e constantemente a Deus sendo Pupilla como uma perfeita religiosa consagrada ao culto divino na Ordem Terceira de S. Francisco, não podendo professar na de Santa Clara depois do desgraçado acontecimento da suppressão das profissões religiosas.

Não obstante o não ser professa, viveu, desde a sua mais tenra idade, qual outra Virgem de Nazareth, á sombra do templo, occupada nos misteres do santuario do seu convento donde nunca sabiu qual pomba do Senhor escondida no concavo do rochedo santo para não ser devorada pela ave de rapina d'um mundo traioeiro.

Era a esposa dos Cantares que vivia só para o seu Esposo amado o Divino Coração de Jesus aonde se abrigava quando alguma procella ameaçadora pretendia fazel-a sossobrar no mar das tempestades tumultuosas das tentações de que não está sempre livre a alma ainda que esteja toda entregue á piedade e á devoção.

A sua occupação, fóra do tempo do côro e mais obrigações de Pupilla, consistia em adornos do culto e do altar cujo trabalho maravilhoso revelava a mais profunda devoção em quem a fazia.

Tão zelosa era das suas obrigações que nos ultimos dias de sua vida foi necessario impor-lhe obediencia para as deixar assim que a sua saude não perigasse mais como se recejava.

Foi tão amiga dos pobres que não contente com o numero dos que soccorria, tomou á sua conta juntamente com suas Irmãs, os que sua irmã D. Maria Magdalena de Pazzi e Veiga, sua predecessora no heroismo da virtude e so-

frimento, tinha deixado por sua morte. Fazendo o bem unicamente pelo amor de Deus pela sua honra e gloria, sem a menor ostentação nem vaidade, cumprindo á risca o Evangelho sem que uma das mãos soubesse o que a outra fazia; aggregada ao Coração de Jesus e Irmã da Associação do Coração de Maria, pertencendo ás Irmandades da Ordem Terceira, de Nossa Senhora das Dôres, da Conceição da Santissima Trindade, de S. José e tendo outras muitas devoções que cumpria sem faltar ás suas obrigações, era impossivel que esta alma privilegiada tão cedo dedicada e consagrada a Deus, pudesse perigar na virtude e não tivesse uma santa morte que tão corajosamente affrontou com espanto das assistentes e de seu confessor mesmo que lhe assistiu, não podendo por varias vezes conter a sua emoção. *Pretiosa in conspectu Domini, mors sanctorum ejus; a morte dos justos é preciosa na presença do Senhor.*

Temos a firme convicção de que o Divino Esposo quiz chamar para junto de si a sua Esposa fiel por intermedio da gloriosa Virgem Maria, da qual era verdadeira devota, e á qual pedia que fosse Deus servido de a levar d'este mundo em um sabbado por lhe ser este dia dedicado, e tambem pela intercessão de seu protector S. José cuja devoção especial lhe revelou que morreria no dia de sua festa como effectivamente succedeu ás 4 horas da manhã no dia 19 de Março tendo sempre diante de seus olhos uma imagem da Virgem Santissima que venerava em seu oratorio.

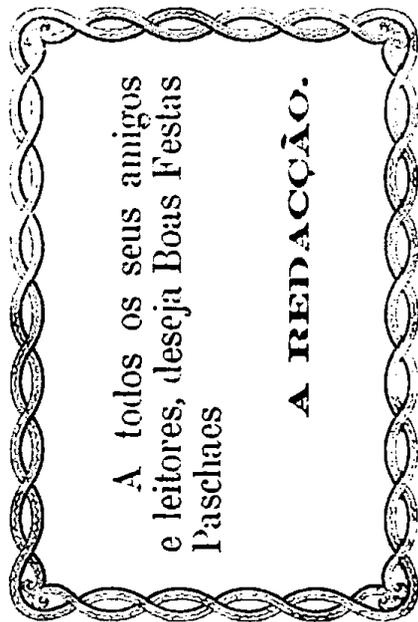
Munida de todos os sacramentos, absolvições e bençãos que a Santa Igreja formulou e indulgenciou para a hora da morte, voou esta pomba pura, esta alma escolhida á mansão celeste receber a recompensa que Deus tem reservada para seus fiéis servos.

Parece-me vel-a no meio das Virgens que acompanham o Cordeiro immaculado, distinguindo-se entre ellas pela alvura de suas mãos adornadas e cravejadas de diamantes que seu esposo Divino lhe enfiou nos dedos em recompensa dos adornos que ella fazia ás suas imagens e aos seus santos; o seu rosto resplandece com o fulgor aromatisado da mais suave e encantadora aurora que precede o divino sol de Justiça; a corôa de sua cabeça brilha pela diaphana e nitidez das saphiras e pedras que os anjos teceram e engastaram ás ordens de Jesus, Maria e José: *Veni Sponsa Christi, veni, coronaberis.* Vem esposa pura de Christo, do Cordeiro sem macula, acompanha as Virgens que estavam preparadas para receber o teu Esposo e recebe a corôa que mereceste, apparece revestida com o diadema de gloria a tuas luctuosas irmãs, consola-as e anima-as com a esperanza de igual

corôa que já lhe tems reservada na patria celeste.

Santarem 19 de Março de 1887.

P.º J. A. T. N.



Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio que hoje publicamos, do «Manual da Pia União das Filhas de Maria».

RETROSPECTO DA QUINZENA

FORAM preconizados por Sua Santidade no consistorio do dia 14 de março os seguintes prelados portuguezes:

—Monsenhor D. João Rebello Cardoso de Menezes, arcebispo titular de Mytilene, coadjuctor e futuro successor de monsenhor D. Antonio da Trindade, bispo de Lamego, com o titulo de arcebispo de Larissa;

—D. Gaudencio José Pereira, conego da Sé de Vizeu, antigo vigario capitu-

lar, bacharel formado em direito e antigo deputado da nação, arcebispo titular de Mytilene, vigário geral do patriarchado de Lisboa;

—D. Henrique José Reed da Silva, bispo titular de Philadelphia, antigo prelado de Moçambique, coadjutor do arcebispo de Goa, bispo de S. Thomé de Meliapor (India);

—D. João Gomes Ferreira, antigo missionario, antigo superior da missão de Timor, bispo de Cochim (India);

—D. Antonio Pedro da Costa, antigo parochio de S. Salvador em Santarem, bispo de Damão, titular em Cranganor (India);

—Monsenhor D. Antonio Dias Ferreira, prelado domestico de S. S., antigo prior de Santa Engracia de Lisboa, bacharel formado em theologia, prelado de Moçambique, bispo titular das Thermopylas.

Vão-se preenchendo de Prelados as Sés dos nossos dominios indianos; falta agora que se preencham os quadros capitulares das Sés do continente, para que desapareça a vergonha que faz corar Portugal.

Terminaram as conferencias doutrinaes que durante a quaresma foram feitas nas igrejas de S. Domingos e dos Santos Passos d'esta cidade, sendo as primeiras pelo nosso amigo o Rv.º Prior do Mosteiro de Souto, que, mais uma vez provou os seus dotes como orador sagrado, vendo, por isso, o vasto templo que os filhos de S. Domingos ergueram sempre cheio de fleis. Nos Santos Passos foram contadas as conferencias a varios oradores já bem conhecidos no pulpito vimaranense, mas apesar d'isso nem sempre a concorrência fôra o que era de esperar.

D'esta mesma igreja saiu no 5.º domingo de quaresma a procissão de Passos, rica em paramentos e alfaias. Cada anno se tem sentido uma falta e este anno de todo se notou; falta que não mais se preencherá e por isso a procissão de Passos não será mais o que foi em tempos idos. Acompanhava esta procissão o cabido da Real Collegiada, segurando as varas do palio e formando alas adiante, ostentando todos os conegos os seus importantes mantos ou capas guarnecidas de arminhos.

Juntava-se, pois, á riqueza dos paramentos e alfaias a imponencia e a magestade d'essa corporação respeitabilissima, que oito seculos respeitaram, que todas as commoções politicas pouparam, e que em plena paz, mas em meio de uma ambição dos governos, e d'um indifferentismo vergonhoso de dezoito annos dos filhos d'esta terra faz desaparecer, deixando com ella desapare-

cer a maior senão a unica gloria de Guimarães.

Cantou a sua primeira missa no Bom Jesus do Monte o Rv.º Padre Francisco d'Assis Pinto dos Santos, filho de Guimarães e assignante da nossa Revista.

Damos ao novo ministro do sanctuario mil parabens.

Um jornal liberalesco e fronteiriço fallando das procissões dizia ha dias as seguintes sandices:

«Continua este espectáculo vergonhoso. Quando terminarão estas procissões que em lugar de elevar deprimem a propria crença religiosa?

Não tem servido estas repugnantes scenas para apupos do povo? Realisam-se ellas por pedidos d'este? Não. Logo, urge, a quem competir, providenciar para não se repetirem scenas que desagradam a toda a gente sensata, e que são a prova da nossa diminuta instrução.

Quem desejar vêr santos, procure a igreja e aqui preparem-lhe as manifestações que quizerem.

De outro modo é tornar publica a doideira da padralhada.»

Não é um liudo modo de asneiar? Não gostam de procissões, pois é por isso que nós gostamos, e muito louvamos que ellas se façam com grande aparato. Não gostam? tanto melhor.

Vae indo, vae indo! A onda vae subindo, e não tardará que tudo arraze.

Em Villa Nova de Gaya, diz um jornal do Porto, na occasião em que se pré-gava na igreja do convento do Corpus Christi o ultimo sermão da Quaresma, alguns individuos interromperam o orador, chamando-lhe reaccionario, e reproovando a doutrina que elle annunciava. Foi necessario a força armada acompanhar o sacerdote a casa.

Se o facto é verdadeiro, digno é de registrar-se, e bom é que, em vista de um tal attentado o clero regeite as publicações catholicas, e faça espalhar as anti-catholicas, só pelo facto de serem campanario de chafaricas politicas, sem se lembrarem que applaudem idéas que perderão a sociedade.

Bem haja o clero verdadeiramente catholico, essa phalange destemida que por todo o paiz espalha o *Progresso Catholico* sem respeito humanos, sem amores politicos.

Gostamos muito de fornecer aos inimigos dos frades alguma noticia, que

prova a *mandriice* e os nenhuns serviços á humanidade prestados por esses homens tão odiados; mas, apesar d'este nosso desejo em tornar conhecidas as tratantadas fradescas, os inimigos dos frades não fazem côro commosco, não repetem o que dizemos. Pois ainda assim, ahí vae uma d'essas muitas cousas feias que fazem os frades.

Os religiosos do monte de S. Bernardo, conhecidos de todo o mundo pelos muitos auxilios que prestam aos viajantes que se extraviam nas elevadas montanhas dos Alpes, acabam de estabelecer um telephone entre o seu hospital e uma aldeia que ha no fundo do valle, assim como entre a aldeia italiana de S. Remo.

Era das emprezas mais difficéis de realisar o estabelecimento de um telephone n'aquellas serranias sempre cobertas de neve, e varridas sempre por fortissimas tormentas; mas a boa vontade dos frades, o desejo de praticar o bem, e de serem uteis á humanidade, fez, que á custa de todos os sacrificios se realisasse esse grande melhora-mento.

E foram os frades, snr. Joaquim do *Conimbricense*, foram os bons dos frades que fizeram isto, sem auxilios dos governos, sem commissões de sabios, de engenheiros; elles sós, com o seu amor ao trabalho, com a sua caridade.

Diga isto aos irm.º, sim?

O nosso excellente collega lisbonense *A Nação*, annunciando a recepção do nosso humilde semanario, diz o seguinte:

«Publicou-se o n.º 10 do 9.º anno do *Progresso Catholico*, excellente revista catholica, de sciencias e litteratura, que vê a luz da publicidade em Guimarães, e muito bons serviços tem feito á causa da religião.»

Agradecendo ao nosso valente companheiro tão honrosas palavras, louvamos a Deus por uma tal graça, porque de tal graça nos julgavamos indignos ao vêr a descortezia, nenhuma caridade e ainda menos educação com que alguns ecclesiasticos, abbades, arcipresbiteros etc. nos devolvem a folha no meio do anno, e o descaro com que alguns o fazem, sem ao menos pagar o que em divida está.

Louvemos, pois, ao Senhor, pois que nos dá a consolação de mostrar-nos que não é por falta de serviços á Religião, que a nossa Revista mereço certas desconsiderações. E por esta occasião mil agradecimentos ás muitas e grandes dedicações que por toda a parte trabalham pela propaganda do *Progresso Catholico*.

Annunciaram ha dias os jornaes que a princeza D. Maria Amelia, esposa do snr. D. Carlos, herdeiro do throno de el-rei o snr. D. Luiz I tivera um filho. E' mais um principe que Portugal possui, e, apesar d'isso as alegrias populares não foram grandes. Será com medo que a mesa regia tenha de crescer mais? Ou seria por medo que aqui aconteça como em Hespanha, onde, segundo os jornaes, o menino Alfonso XIII, que conta uns 300 dias pouco mais ou menos, tem devorado 961:180\$000 réis, o que dá por dia uns 3:250\$000 réis, e por hora 135\$000 réis?

Para creança de mama tem ficado caro; que será quando tiver dentes!...

Será por isto que o povo vac gostando pouco de principes?

Em todo o caso damos os parabens ao paiz, e Deus fade bem o pequeno.

«Fundou-se em Vannes (diz um collega) uma escola catholica cujo patrimonio foi feito á custa do que rendeu a venda da tina de banho em que Carlota Corday assassinou, a 13 de julho de 1793, o sanguinario Marat, e que actualmente era possuida por um sacerdote, que a vendeu a um museu.

Sempre é bom guardar!»

Quem diria ha perto de um seculo, que Carlota Corday, a formosa e sympathica filha da Normandia, fazia duas obras de misericordia, cravando no seio do infame e sanguinario Marat uma faca? Sim, quem diria que ella, livrando a França do tyranno revolucionario (1.ª obra de misericordia, castigar os que erram) havia dar motivo ou antes, havia concorrer para que um seculo depois se estabelecesse uma escola catholica (ensinar os ignorantes, 2.ª obra de misericordia)!

Bem sabia o povo francez, quando se indignou, ao vêr o carrasco esbofetear as faces de Carlota Corday depois da cabeça apartada do tronco, que ella praticara uma boa acção (se é possível com um assassinato), e assim o comprehendu a Convenção, que mandou prender o carrasco por um tal attentado. Sem fazer a apologia do assassinio estimamos que uma punhalada produzisse tão bons resultados.

Dizem os jornaes do Porto que se está demolindo parte de uma casa que encerra os ultimos vestigios dos antigos paços reaes do Porto, que foram berço do infante D. Henrique, o iniciador das nossas descobertas e conquistas maritimas.

Achamos curiosa a coincidencia.

Quando se arrasa a casa que foi berço do mais audaz dos marinheiros da Europa, levanta-se-lhe uma estatua.

Faz-se assim em Guimarães: quando se prepara o camartello, erguido ha deztoitto annos, para derrubar a Collegiada de N. Senhora da Oliveira, o maior e mais venerando monumento conservado á memoria do primeiro rei de Portugal, também se projecta levantar a este paladino da Fé e da Patria uma estatua mesquinha, bem mesquinha, comparada com a arrogancia e vetustez do monumento que se deixa cahir.

Com vista aos da União Catholica em Portugal e aos que gostam de transigir com a Revolução, mandamos a seguinte noticia para que sirva de exemplo:

«Os catholicos de Milão indignados com os insultos e selvagerias dos revolucionarios italianos contra o Papa e a Igreja, reunidos em assemblèa votaram com o mais vivo entusiasmo a seguinte ordem do dia:

1.º Considerando que a guerra anticlerical é na ordem moral, uma guerra anti-catholica, porque o anti-clericalismo combate a Deus, a Igreja de Jesus Christo, o Papa e o culto, e que esta guerra é por isso a mentira, a ignorancia, a superstição, o regresso á barbarie, a negação da sciencia, da consciencia, e da dignidade humana e christã;

2.º Considerando que o anti-clericalismo é, na ordem politica, uma seita que se oppõe á igualdade, á fraternidade, á liberdade, á paz e á ordem social, e leva ao despotismo brutal das seitas retrogradadas e obscurantistas, e á guerra civil;

3.º Considerando que o anti-clericalismo é, na ordem economica, a exacção que uma seita ambiciosa exerce sobre o povo, que se embrutece no erro e no vicio, ao passo que os anti-clericaes engordam com o dinheiro do povo que geme na miseria;

A assemblèa catholica exprime os seus votos:

(a) Que cessem as connivencias com o anti-clericalismo sob qualquer forma e em qualquer parte que se apresente;

(b) Que se professe e pratique sem respeito humano a religião catholica, e que se garantam francamente os direitos que não provém de nenhuma lei humana, mas que derivam de sua propria natureza;

(c) Que se combata o atheismo e a irreligião na instrucção e na educação, e que nenhum pae de familia consinta que seus filhos frequentem escolas athéas ou irreligiosas;

(d) Que se respeite a livre vontade nas associações religiosas e a propriedade ecclesiastica;

(e) Que se levantem todos os obstaculos á liberdade e á independencia do ministerio apostolico da Santa Sé, instituidor da humanidade, fonte de civili-

sação, a mais elevada gloria da Italia, o maior bemfeitor do mundo e da nossa patria, e que esta liberdade e independencia sejam reclamadas por todos os italianos;

(f) Que os catholicos italianos, em nome de Deus, de Jesus Christo, do Papa e da religião catholica, da sciencia e da civilisação, da patria, da familia, da consciencia, da intelligencia e do coração, e das gloriosas tradições italianas, defendam por toda a parte e sempre, contra a ignorancia e as trevas e o odio satanico dos anti-clericaes de toda a especie, os seus direitos inviolaveis, por meio de livros e jornaes, por associações, conferencias, demonstrações publicas, pelo seu proceder irreprehensivel e pela pratica constante da religião, na Igreja, nas escholas, nas cabanas, nos palacios, nas lojas e officinas, nos campos, no estudo e no trabalho, na vida particular e publica;

(g) Que os jornaes catholicos publiquem e commentem estes votos.»

Para a historia do liberalismo em Portugal é bom archivar a seguinte noticia, que, nas *Ephemerides de Guimarães*, dava o nosso collega d'esta cidade, o 27 de Julho no seu n.º do dia 24 de março:

«27—1834. Entra em Guimarães pela uma hora da tarde a divisão constitucional na força de 4 a 5:000 homens. Era composta de 300 e tantos cavallos, regimentos d'infanteria 10 e 18, regimento de voluntarios da rainha, batalhões do Minho e Traz-os-Montes, varios batalhões organizados no Porto e 8 peças d'artilheria. A' noite houve illuminação geral.

N'este mesmo dia os frades dominicos abandonam o convento e as tropas constitucionaes saqueam-no.»

Visto que são apontamentos para a historia não se fazem commentarios.

Dizem os jornaes de Hespanha que sua magestade a rainha regente acaba de praticar um acto de generosa delicadesa.

A augusta soberana poz á disposição da Academia Hespanhola a somma de 5,000 pesetas, para que aquella corporação, constituida em jury, a adjudique como premio á melhor obra dramatica original, das representadas durante a ultima epocha, em Madrid.

E' bem feito, sim senhora. Quando o theatro se arvora em escola de immoralidade e da mais requintada devassidão, as regias bolsas devem abrir-se para o subsidiar. Pois que? Não se premeiam por cá também os comediantes, quando se mata á fome os mestres primarios?!

J. de Freitas.